

MÁSCARAS COVID-19 E OUTRAS MÁSCARAS

Podemos reconhecer na máscara – abordada a partir de uma perspectiva *cross cultural* – um conjunto de sentidos. Um deles prende-se a sua capacidade de presentificação de entidades não humanas – geralmente entidades espirituais – por intermédio de personagens mascarados. Estes são percebidos como sendo as próprias entidades espirituais, que se fazem assim presentes. É esse o significado de muitas máscaras em diversas sociedades tradicionais, da Papua-Nova Guiné à Amazônia ou à África. Um segundo significado que muitas máscaras assumem é um significado não tanto de presentificação, mas de representação. É o que se passa com máscaras que representam entidades – humanas, animais, personagens de *comics* etc. – que tanto os mascarados como sua audiência sabem que são representações; mais ou menos conseguidas, com maior ou menor capacidade de criar a ilusão de uma outra presença, mas sempre representações. É esse o caso de muitas máscaras de carnaval ou, para dar um exemplo mais recente, de máscaras usadas em eventos de *cosplay*. Finalmente, as máscaras têm um sentido de mera ocultação da identidade – mais evidente nas máscaras venezianas ou em máscaras mais ou menos neutras de carnaval.

Pode-se argumentar que nas sociedades do Norte global, a máscara perdeu generalizadamente o seu valor de presentificação, mesmo em comunidades onde podemos presumir que outrora tiveram esse valor. É o que se passa em Portugal, com as máscaras associadas ao ciclo dos 12 dias, estudadas por an-

tropólogos como Benjamim Pereira (1973), Paula Godinho (2010), Paulo Raposo (2010) ou Miguel Vale de Almeida (2006). É provável que essas máscaras, como sugeriu Benjamim Pereira (1973), tenham tido originariamente um sentido de presentificação, que, entretanto, perderam, oscilando hoje entre a representação e a mera ocultação da identidade.

NOVAS MÁSCARAS: A REPRESENTAÇÃO DE VALORES

Simultaneamente, têm surgido novos tipos de máscaras que alargaram o campo das suas virtualidades representativas. É o que se passa com a máscara de Guy Fawkes tal como foi adotada pelo movimento Anonymous. Guy Fawkes foi um católico inglês que esteve envolvido, em 1605, numa conspiração contra Jaime I, o então rei (protestante) da Inglaterra. A conspiração foi descoberta a 5 de novembro, e três meses depois Guy Fawkes foi executado. A comemoração da descoberta da conspiração deu origem, na Inglaterra, à noite de Guy Fawkes, marcada pela queima da sua efígie em fogueiras para isso erguidas. Gradualmente, essas comemorações foram perdendo terreno, mas a partir de 2006 – na sequência da publicação da novela gráfica *V for Vendetta*, de Alan Moore e David Lloyd – Guy Fawkes ganhou uma “segunda vida”, como máscara emblemática do movimento Anonymous. No quadro de manifestações e outras ações de rua promovidas pelo movimento, a máscara, além do seu eventual valor de ocultação da identidade – os manifestantes podem não querer ser identificados –, ganhou o sentido de uma máscara de representação. Só que esse sentido, remete tanto a um personagem histórico quanto a um conjunto de ideias e valores abstratos: a revolução, o anticapitalismo. As virtualidades das máscaras ganharam nesse caso – como no caso das máscaras arco-íris utilizadas em paradas de orgulho LGBT – um novo sentido representacional.

Apesar dos três sentidos que podem ter (presentificação, representação, ocultação da identidade), as máscaras têm, entretanto, aspetos comuns. Entre eles conta-se, por um lado, a momentânea suspensão dos signos da identidade pessoal dos mascarados. E conta-se, por outro lado, a associação das máscaras a eventos sob a forma de ajuntamentos festivos ou reivindicativos em que o relacionamento social ou a afirmação da identidade de grupos é um dos aspetos relevantes,

A COVID-19 E A CORPORALIDADE DO SOCIAL

É talvez a partir desse quadro que pode ser interessante analisar as máscaras sanitárias associadas à covid-19. Elas começam por ser diferentes de outras máscaras porque são utilitárias, usadas com o objetivo de evitar a transmissão interpessoal do vírus. Ao mesmo tempo, porém, recuperam, involuntariamente, esses dois traços comuns que podemos reconhecer às máscaras.

De fato, a covid-19 teve um conjunto de impactos sobre o relacionamento social. O confinamento foi um confinamento das relações sociais, seja no

nível dos relacionamentos interpessoais – à maneira do Goffman (1956) de *A apresentação do eu na vida quotidiana* –, seja no nível dos pequenos e grandes ajuntamentos festivos sobre os quais repousa a produção e a (re)produção de grupos – à la Durkheim (1912) em *Formas elementares da vida religiosa* –, seja no nível dos eventos reivindicativos “de classe” – ao modo de Marx e Engels (1848) no *Manifesto do Partido Comunista*.

Esse confinamento incidiu com particular força sobre um conjunto de convenções culturais que – tomando o caso da sociedade portuguesa – rodeiam o relacionamento social: os beijos, os abraços, os apertos de mão, a pancadinha nas costas, a proximidade física entre as pessoas. Esta última em particular, como indicou Durkheim, é central em eventos festivos (e também, acrescento eu, em ações reivindicativas). Em qualquer caso, essas convenções têm no corpo a sua instância principal. Foi essa corporalidade do social que ficou em suspenso. Não é que certos tipos de relacionamento social tenham sido eles mesmos suspensos – muitos migraram para o ciberespaço –, mas a sua expressão corporal foi momentaneamente posta em causa.

A máscara covid-19, usada como uma das formas principais de atenuar a transmissão do vírus, tem como consequência involuntária uma sinalização ainda mais radical dessa suspensão do corpo como instância principal do relacionamento social. Não são só os gestos, mas o rosto e a sua capacidade expressiva – de emoções e sentimentos sobre os quais repousam as sociabilidades – ficam confinados. A própria identidade da pessoa fica suspensa ou, nos casos em que as pessoas se conhecem, meio oculta. De alguma forma, as máscaras alternativas às simples máscaras cirúrgicas – pretas, de cores que podem coincidir com a da roupa, com arcos-íris ou com motivos do património nacional – tentam contrariar essa lógica despersonalizadora da máscara sanitária.

O que, entretanto, é também relevante nas máscaras covid-19 é o modo como podemos encará-las à luz de uma lógica de representação, se considerarmos que essa lógica se estende hoje, como sugeri, a ideias e sistemas de valor. O uso da máscara covid-19 transmite valores que têm sido centrais no combate à pandemia: a segurança própria e alheia, a preocupação com os outros, o civismo, as pessoas antes da “economia”. Usar a máscara é uma forma de exprimir a adesão a esse conjunto de ideias.

Por isso, em vários eventos reivindicativos que têm contrariado a lógica da suspensão do social – desde algumas manifestações do Primeiro de Maio promovidas por centrais sindicais europeias (como em Lisboa) até as manifestações desencadeadas pelo assassinato de George Floyd –, o uso da máscara se tornou obrigatório (ou altamente aconselhado). É também por isso, inversamente, que certas personalidades políticas, como Trump e Bolsonaro, ou muitos dos seus apoiadores, fazem questão de não usar a máscara covid-19 (bem como em não cumprir outras normas de distanciamento social): não só

porque a sua atitude é de negação da amplitude e dos riscos da atual pandemia, mas também porque o não uso da máscara é para eles um instrumento de uma guerra cultural contra os valores que a máscara covid-19 representa.

Recebido em 04/11/2020 | Aprovado em 06/05/2021

João Leal é professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pesquisador do Centro em Rede em Investigação em Antropologia (Cria) dessa universidade. Suas áreas de interesse incluem a história da antropologia, práticas e políticas de identidade e ritual e *performance*. É autor, entre outros livros, de *O culto do divino. Migrações e transformações* e *Azorean identity in Brazil and the United States: arguments about history, culture and transnational connections*.

REFERÊNCIAS

- Almeida, Miguel Vale. (2006). Quando a máscara esconde uma mulher. In: *Rituais de inverno com máscaras*. Bragança: Museu do Abade do Baçal, p. 61-74.
- Durkheim, Émile. (1912). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: F. Alcan.
- Godinho, Paula. (2010). *Festas de inverno no nordeste de Portugal. Património, mercantilização e aporias da “cultura popular”*. Castro Verde: 100Luz.
- Goffman, Erving. (1956). *The presentation of self in everyday life*. Edinburgh: Edinburgh University.
- Marx, Karl & Engels, Frederick. (1848). *Manifest der Kommunistischen Partei*. London: The Workers' Educational Association.
- Pereira, Benjamim. (1973). *Máscaras portuguesas*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Raposo, Paulo. (2010). *Por detrás da máscara. Ensaio de antropologia da performance sobre os caretos de Podence*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

MÁSCARAS COVID-19 E OUTRAS MÁSCARAS

Resumo

Esta contribuição visa examinar alguns dos significados das máscaras covid-19 à luz da reflexão antropológica sobre máscaras. Argumenta que o uso da máscara covid-19 tem como consequência involuntária uma sinalização radical da suspensão do corpo como instância principal do relacionamento social. Aborda também as guerras culturais travadas em torno desse uso.

Palavras-chave

Máscaras covid-19;
laço social;
anonimato.

COVID-19 AND OTHER MASKS

Abstract

This paper seeks to examine the meanings of covid-19 masks from the perspective of the anthropological discussion of masks. It argues that the use of covid-19 masks has as its involuntary consequence a radical suspension of the body as an important instance of social relationships. It also addresses the cultural wars that surround this use.

Keywords

Covid-19 masks;
social relations;
anonymity.